Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

A Caixa de Ladrões

Ninguém pretendia deixar Martha sozinha naquela tarde, mas aconteceu que todos foram chamados por um motivo ou outro. A Sra. McFarland estava participando da festa semanal de cartas realizada pela Liga Feminina Antijogo. O namorado da irmã Nell ligou inesperadamente para levá-la para um longo passeio de carro. Papai estava no escritório, como de costume. Era o dia de Mary Ann sair. Quanto a Emeline, ela certamente deveria ter ficado em casa e cuidado da garotinha, mas Emeline tinha uma natureza inquieta.

"A senhorita se importaria se eu atravessasse o beco para falar com a filha da Sra. Carleton?", perguntou ela a Martha.

"Claro que não", respondeu a criança. "Mas é melhor você trancar a porta dos fundos e levar a chave, pois estarei lá em cima".

"Oh, farei isso, é claro, senhorita", disse a empregada encantada, e saiu correndo para passar a tarde com sua amiga, deixando Martha completamente sozinha na casa grande e trancada.

A garotinha leu algumas páginas de seu novo livro, costurou alguns pontos em seu bordado e começou a "brincar de visita" com suas quatro bonecas favoritas. Então, ela se lembrou de que no sótão havia uma casinha de bonecas que não era usada há meses e decidiu tirar o pó e colocá-la em ordem.

Com essa ideia, a menina subiu as escadas sinuosas até o grande cômodo sob o telhado. O cômodo era bem iluminado por três janelas de sótão e era quente e agradável. Ao redor das paredes, havia fileiras de caixas e baús, pilhas de carpete velho, peças de mobília danificadas, feixes de roupas descartadas e outras coisas de maior ou menor valor. Toda casa bem organizada tem um sótão desse tipo, portanto não preciso descrevê-lo.

A casa de bonecas havia sido movida, mas depois de uma busca, Martha a encontrou em um canto perto da grande chaminé.

Ela a puxou para fora e notou que atrás dela havia um baú de madeira preta que o tio Walter havia enviado da Itália há muitos anos - antes de Martha nascer, na verdade. Um dia, a mamãe lhe contou que não havia chave, porque o tio Walter queria que ela não fosse aberta até que ele voltasse para casa; e que esse tio errante, que era um grande caçador, tinha ido para a África caçar elefantes e nunca mais se ouviu falar dele.

A menina olhou para o baú com curiosidade, agora que ele havia atraído sua atenção por acaso.

Era bem grande - maior até mesmo do que o baú de viagem da mamãe - e estava repleto de pregos de latão manchados. Também era pesado, pois quando Martha tentou levantar uma de suas extremidades, descobriu que não conseguia mexer nem um pouco. Mas havia um lugar na lateral da tampa para uma chave. Ela se abaixou para examinar a fechadura e viu que seria necessária uma chave bem grande para abri-la.

Então, como você pode suspeitar, a menina desejou abrir a grande caixa do tio Walter e ver o que havia nela. Pois todos nós somos curiosos, e as meninas são tão curiosas quanto todos nós.
"Acho que o tio Walter nunca mais vai voltar", pensou ela. "Papai disse uma vez que algum elefante deve tê-lo matado. Se eu tivesse uma chave..." Ela parou e bateu palmas alegremente ao se lembrar de uma grande cesta de chaves na prateleira do armário de roupas de cama. Elas eram de todos os tipos e tamanhos; talvez uma delas pudesse abrir o baú misterioso!



Ela desceu as escadas voando, encontrou a cesta e voltou com ela para o sótão. Em seguida, sentou-se diante da caixa cravejada de latão e começou a experimentar uma chave após a outra na curiosa fechadura antiga. Algumas eram grandes demais, mas a maioria era pequena demais. Uma delas entrava na fechadura, mas não girava; outra travava tão rápido que, por um tempo, ela temeu que nunca mais conseguisse tirá-la. Mas, finalmente, quando a cesta estava quase vazia, uma chave de latão antiga e de formato estranho entrou facilmente na fechadura. Com um grito de alegria, Marta girou a chave com as duas mãos; em seguida, ouviu um "clique" agudo e, no momento seguinte, a pesada tampa se levantou por conta própria!

A garotinha se inclinou sobre a borda do baú por um instante, e a visão que encontrou fez com que ela recuasse com espanto.
Lenta e cuidadosamente, um homem se desvencilhou do baú, saiu para o chão, esticou os membros, tirou o chapéu e se curvou educadamente para a criança atônita.
Ele era alto e magro e seu rosto parecia estar muito bronzeado ou queimado de sol.
Em seguida, outro homem saiu do baú, bocejando e esfregando os olhos como um colegial sonolento. Ele era de estatura mediana e sua pele parecia tão bronzeada quanto a do primeiro.
Enquanto Martha olhava de boca aberta para aquela visão extraordinária, um terceiro homem se arrastou para fora do baú. Ele tinha a mesma aparência de seus companheiros, mas era baixo e gordo.
Todos os três estavam vestidos de maneira curiosa. Usavam jaquetas curtas de veludo vermelho trançado com ouro e calças até o joelho de cetim azul-celeste com botões de prata. Sobre as meias, amarravam largas fitas vermelhas, amarelas e azuis, enquanto seus chapéus tinham abas largas com coroas altas e pontiagudas, das quais esvoaçavam metros de fitas de cores vivas.
Eles tinham grandes argolas de ouro nas orelhas e fileiras de facas e pistolas em seus cintos. Seus olhos eram negros e brilhantes e usavam bigodes longos e ferozes, enrolados nas pontas como um rabo de porco.

"Nossa, mas você era pesado", exclamou o gordo, depois de abaixar o paletó de veludo e tirar a poeira da calça azul-celeste. "E você me deixou fora de forma."
"Era inevitável, Luigi", respondeu o homem magro, com leveza; "a tampa do baú me pressionou sobre você. Mesmo assim, eu lhe peço desculpas".
"Quanto a mim", disse o homem de estatura média, enrolando um cigarro descuidadamente e acendendo-o, 'você deve reconhecer que sou seu amigo mais próximo há anos; portanto, não seja desagradável'.
"Você não deve fumar no sótão", disse Martha, recuperando-se ao ver o cigarro. "Você pode colocar fogo na casa".
O homem de estatura mediana, que não a havia notado antes, ao ouvir essa fala, voltou-se para a moça e fez uma reverência.
"Já que uma senhorita pede", disse ele, 'vou abandonar meu cigarro', jogou-o no chão e apagou-o com o pé.
"Quem é o senhor?", perguntou Martha, que até então estava espantada demais para se assustar.
"Permita-nos que nos apresentemos", disse o homem magro, sacudindo o chapéu graciosamente. "Este é Luigi", o homem gordo acenou com a cabeça; 'este é Beni', o homem de tamanho médio fez uma reverência; "e eu sou Victor. Somos três bandidos - bandidos italianos".
"Bandidos!", gritou Martha, com um olhar de horror.
"Exatamente. Talvez em todo o mundo não haja três outros bandidos tão terríveis e ferozes como nós", disse Victor, orgulhoso.
"É verdade", disse o homem gordo, balançando a cabeça gravemente.

"Mas isso é perverso!", exclamou Martha.
"Sim, de fato", respondeu Victor. "Somos extremamente e tremendamente perversos. Talvez em todo o mundo você não consiga encontrar três homens mais perversos do que aqueles que estão agora diante de vocês".
"É verdade", disse o homem gordo, com aprovação.
"Mas você não deveria ser tão perverso", disse a moça; "é - é - maldade!"
Victor baixou os olhos e corou.
"Maldade!", ofegou Beni, com um olhar horrorizado.
"É uma palavra difícil", disse Luigi, com tristeza, e enterrou o rosto nas mãos.
"Eu não imaginava", murmurou Victor, com a voz embargada pela emoção, "ser tão insultado - e por uma dama! No entanto, talvez você tenha falado sem pensar. Você deve considerar, senhorita, que nossa maldade tem uma desculpa. Pois como podemos ser bandidos, deixe-me perguntar, a menos que sejamos perversos?"
Martha ficou intrigada e balançou a cabeça, pensativa. Então ela se lembrou de algo.
"Vocês não podem mais continuar sendo bandidos", disse ela, `porque agora estão na América'.
"América!", gritaram os três juntos.
"Com certeza. Vocês estão na avenida Prairie, em Chicago. O tio Walter os enviou da Itália para cá neste baú."
Os bandidos pareciam muito desnorteados com esse anúncio. Luigi sentou-se em uma cadeira velha com um balanço quebrado e enxugou a testa com um lenço de seda amarelo. Beni e Victor se recostaram no baú e

olharam para ela com o rosto pálido e os olhos arregalados.
Quando já havia se recuperado um pouco, Victor falou. "Seu tio Walter nos prejudicou muito", disse ele, em tom de reprovação. "Ele nos tirou de nossa amada Itália, onde os bandidos são muito respeitados, e nos trouxe para um país estranho, onde não saberemos a quem roubar ou quanto pedir de resgate."
"É isso mesmo!", disse o homem gordo, dando um forte tapa em sua perna.
"E nós tínhamos conquistado uma reputação tão boa na Itália!", disse Beni, pesaroso.
"Talvez o tio Walter quisesse reformá-los", sugeriu Martha.
"Então, não há bandidos em Chicago?", perguntou Victor.
"Bem", respondeu a garota, corando, por sua vez, 'não os chamamos de bandidos'.
"Então o que faremos para viver?", perguntou Beni, desesperado.
"Muita coisa pode ser feita em uma grande cidade americana", disse a criança. "Meu pai é advogado" (os bandidos estremeceram), 'e o primo da minha mãe é inspetor de polícia'.
"Ah", disse Victor, "esse é um bom emprego. A polícia precisa ser inspecionada, especialmente na Itália."
"Em todo lugar!", acrescentou Beni.
"Então vocês poderiam fazer outras coisas", continuou Martha, encorajadora. "Poderiam ser motoristas de trólebus ou balconistas de uma loja de departamentos. Algumas pessoas até se tornam vereadores para ganhar a vida."

Os bandidos balançaram a cabeça com tristeza.
"Não estamos preparados para esse tipo de trabalho", disse Victor. "Nosso negócio é roubar."
Martha tentou pensar.
"É muito difícil conseguir cargos no departamento de gás", disse ela, `mas vocês podem se tornar políticos'.
"Não!", gritou Beni, com súbita ferocidade; "não devemos abandonar nossa alta vocação. Sempre fomos bandidos e devemos continuar sendo!"
"É isso mesmo!", concordou o homem gordo.
"Até mesmo em Chicago deve haver pessoas para roubar", comentou Victor, com alegria.
Martha estava angustiada.
"Acho que todos já foram roubados", objetou ela.
"Então podemos roubar os ladrões, pois temos experiência e talento além do comum", disse Beni.
"Oh, meu Deus, oh, meu Deus!", gemeu a menina; "Por que o tio Walter mandou vocês aqui neste baú?"
Os bandidos ficaram interessados.
"Isso é o que gostaríamos de saber", declarou Victor, ansioso.
"Mas ninguém jamais saberá, pois o tio Walter se perdeu enquanto caçava elefantes na África", continuou ela, com convicção.
"Então devemos aceitar nosso destino e roubar o melhor que pudermos", disse Victor. "Desde que sejamos fiéis à nossa amada profissão, não precisamos nos envergonhar."
"É isso mesmo!", gritou o homem gordo.
"Irmãos, vamos começar agora. Vamos roubar a casa em que estamos."
"Ótimo!", gritaram os outros e se levantaram.

Beni se virou ameaçadoramente para a criança.
"Fique aqui!", ordenou ele. "Se você der um passo, seu sangue cairá sobre sua própria cabeça!" Depois acrescentou, com uma voz mais suave: "Não tenha medo; essa é a maneira como todos os bandidos falam com seus prisioneiros. Mas é claro que não faríamos mal a uma jovem senhorita em nenhuma circunstância".
"Claro que não", disse Victor.
O homem gordo tirou uma grande faca do cinto e a brandiu sobre sua cabeça.
"Ssssangue!", ele vociferou ferozmente.
"São bananas!", gritou Beni, com uma voz terrível.
"Confusão para os nossos inimigos!", sibilou Victor.
E então os três se dobraram e desceram as escadas furtivamente com pistolas engatilhadas nas mãos e facas brilhantes entre os dentes, deixando Martha tremendo de medo e horrorizada demais para sequer gritar por socorro.
Ela nunca soube por quanto tempo ficou sozinha no sótão, mas finalmente ouviu o passo felino dos bandidos que retornavam e os viu subindo as escadas em fila indiana.
Todos carregavam pesadas cargas de pilhagem em seus braços, e Luigi estava equilibrando uma torta de carne moída em cima de uma pilha dos melhores vestidos de noite de sua mãe. Victor veio em seguida com uma braçada de quinquilharias, um candelabro de latão e o relógio da sala. Beni tinha a Bíblia da família, a cesta de talheres do aparador, uma chaleira de cobre e o sobretudo de pele do papai.

"Oh, que alegria!", disse Victor, colocando sua carga no chão; 'é agradável roubar mais uma vez'.
"Oh, êxtase!", disse Beni; mas ele deixou a chaleira cair sobre o dedo do pé e imediatamente começou a dançar angustiado, enquanto murmurava palavras estranhas na língua italiana.
"Temos muita riqueza", continuou Victor, segurando a torta de carne moída enquanto Lugui acrescentava seus despojos à pilha; "e tudo de uma casa só! Esta América deve ser um lugar rico".
Com um punhal, ele cortou um pedaço da torta e entregou o restante aos seus companheiros. Depois disso, os três se sentaram no chão e consumiram a torta, enquanto Martha olhava com tristeza.
"Deveríamos ter uma caverna", comentou Beni, "pois precisamos guardar nosso saque em um lugar seguro. Você pode nos falar de uma caverna secreta?", perguntou ele a Martha.
"Há uma caverna do Mamute", respondeu ela, "mas fica em Kentucky. Vocês seriam obrigados a andar de carro por muito tempo para chegar lá".
Os três bandidos ficaram pensativos e comeram sua torta em silêncio, mas no momento seguinte foram surpreendidos pelo toque da campainha elétrica, que foi ouvida claramente até mesmo no sótão remoto.
"O que é isso?", perguntou Victor, com a voz rouca, enquanto os três se levantavam com as adagas desembainhadas.
Martha correu para a janela e viu que era apenas o carteiro, que havia deixado uma carta na caixa e ido embora novamente. Mas o incidente lhe deu uma ideia

de como se livrar de seus incômodos bandidos, de modo que ela começou a torcer as mãos como se estivesse muito angustiada e gritou:
"É a polícia!"
Os ladrões se entreolharam com um alarme genuíno e Luigi perguntou, trêmulo:
"Eles são muitos?"
"Cento e doze!", exclamou Martha, depois de fingir que os estava contando.
"Então estamos perdidos!", declarou Beni, 'pois nunca poderíamos lutar contra tantos e sobreviver'.
"Eles estão armados?", perguntou Victor, que estava tremendo.
"Ah, sim", disse ela. "Eles têm revólveres, espadas, pistolas, machados e..."
"E o quê?", perguntou Lugui.
"E canhões!"
Os três malvados gemeram em voz alta e Beni disse, em voz baixa
"Espero que eles nos matem rapidamente e não nos torturem. Disseram-me que esses americanos são índios pintados, sedentos de sangue e terríveis".
"É verdade!", ofegou o homem gordo, com um estremecimento.
De repente, Martha se virou da janela.
"Vocês são meus amigos, não são?", perguntou ela.
"Somos dedicados!", respondeu Victor.
"Nós adoramos você!", gritou Beni.
"Nós morreríamos por você!", acrescentou Luigi, pensando que estava prestes a morrer de qualquer maneira.

"Então eu vou salvar vocês", disse a garota.
"Como?", perguntaram os três, em uma só voz.
"Voltem para dentro do baú", disse ela. "Depois, fecharei a tampa para que eles não consigam encontrá-los."
Eles olharam ao redor da sala de forma atordoada e irresoluta, mas ela exclamou:
"Vocês precisam ser rápidos! Eles logo estarão aqui para prendê-los".
Então Luigi pulou para dentro do baú e se deitou no fundo. Beni caiu em seguida e se enfiou na parte de trás. Victor o seguiu, depois de fazer uma pausa para beijar a mão da garota de forma graciosa.
Em seguida, Martha correu para pressionar a tampa, mas não conseguiu fechá-la.
"Vocês precisam se apertar", ela disse a eles.
Luigi gemeu.
"Estou fazendo o meu melhor, senhorita", disse Victor, que estava mais perto do topo; `mas, embora tenhamos nos encaixado muito bem antes, o baú agora parece pequeno para nós'.
"'É isso mesmo!", disse a voz abafada do homem gordo do fundo.
"Eu sei o que ocupa o quarto", disse Beni.
"O quê?", perguntou Victor, ansioso.
"A torta", respondeu Beni.
"É isso mesmo!", veio do fundo, em um tom fraco.
Então Martha se sentou sobre a tampa e a pressionou com todo o seu peso. Para sua grande alegria, a fechadura se prendeu e, saltando para baixo, ela exerceu toda a sua força e girou a chave.